

Em busca do País das Amazonas: o mito, o mapa, a fronteira.

Janaina Camilo
UNICAMP
jacamilo@uol.com.br

RESUMO

Ao longo dos séculos XVI ao XVIII, as informações que alimentaram as representações dos homens, dos rios e da floresta amazônicas foram fundamentadas em explicações míticas e fantasiosas sobre o *El Dorado* e as terras pertencentes às amazonas. Essas narrativas levaram, em diferentes períodos da História, a uma série de questionamentos sobre como o mito pode tornar-se elemento formador de fronteiras. Este artigo pretende, portanto, observar como esses mitos foram representados nas narrativas de viagens e na cartografia.

PALAVRAS-CHAVE: mito, mapas, fronteiras, Amazonas

ABSTRACT

The great fifteenth and sixteenth-century voyages of discovery speeded the development of cartography and made it more international in outlook. During this centuries, the New World's cartographic and literary representations show us wild men living in a wild natural space. These representations, with larges rivers and forests, are constructed under mythical influences of El Dorado and the Amazonian's lands. This text - based on the voyage's narratives and antiques maps, produced by Europeans writers and cartographers - discuss the influences of these myths in the cultural frontiers delimitation.

KEYWORDS: myth, maps, frontiers, Amazons.

I - NO PAÍS DAS AMAZONAS...

As narrativas e os mapas produzidos durante as viagens de exploração e demarcação pelo "País das Amazonas" revelam que a formação da fronteira moderna não dependeu somente da amálgama científico que frutificou na Europa, ao longo dos séculos XVI ao XVIII, entendida como algo que separava dois povos (ou duas *civilizações*) distintos. Muitas vezes, as incursões sobre o mundo dos *não civilizados* eram justificadas por questões mitológicas. O mito do *El Dorado* é exemplar neste sentido, acompanhando a caça ao índio empreendida pelos bandeirantes ao interior da América, com o que se alargou enormemente a incorporação das terras que conformam o Brasil atual.

Não pretendemos, contudo reduzir essa explicação apenas à Amazônia, o que a desmembraria do contexto maior, pois há muitos relatos que tentaram descrever o Brasil pelo viés mitológico, sobretudo a

partir dos rios Amazonas e Prata, principais referências fronteiriças do período colonial. Sobre eles, a partir do relato dos índios, o Padre Simão de Vasconcelos escreveu, em 1654, que bem no meio do sertão eram vistos “darem-se as mãos dois rios (Amazonas e Prata) em uma lagoa famosa do Chile e do Peru, e demora sobre as cabeceiras do rio que chamam São Francisco, que vem desembocar ao mar em altura de 10^o e um quarto; e que desta grande lagoa se formam os braços daqueles grossos corpos: o direito ao das Amazonas, para a banda do norte, o esquerdo ao da Prata, para a banda do sul”, que contornam todo o sertão do Brasil; “e que com o mais grosso do peito, pescoço e boca presidem ao mar”. (VASCONCELOS *apud* CORTESÃO, 1958, p 137)

Os trechos da carta do Padre Simão de Vasconcelos referem-se à Cosmogonia indígena, que descreve o lugar da mitológica Ilha Brasil. Neste caso, a lenda funde-se com a realidade, já que, para o padre, o Amazonas e o Prata eram “duas chaves de prata que fecham a terra do Brasil” ou, ainda, “dois gigantes que a defendem e a demarcam entre nós e Castela” (*Ibidem*). Assim, a geografia do Brasil dilata-se para Oeste, quebrando o conhecimento único da insularidade.

O mito da Ilha Brasil e a Cosmogonia indígena, que buscavam explicações para a existência dos rios Amazonas e Prata, tornam mais instigante esta pesquisa, já que ambos são desenhados pela visão do homem europeu sobre o desconhecido, animada pelas viagens do período colonial realizadas pelo Amazonas e seus afluentes, com o objetivo de procurar riquezas e demarcar as fronteiras ao norte da colônia, mas que, no que nos interessa mais diretamente, ampliaram o conhecimento de uma região e sua gente, ao mesmo tempo, exóticos e selvagens.

É importante ressaltar que o recurso ao maravilhoso e ao lendário, ingredientes do imaginário europeu do século XVI, com os quais os viajantes da *Hiléia* construíram suas teorias sobre a paisagem e o homem amazônicos, foram os principais elementos de que os europeus lançaram mão para definir o *diferente*. Abrir mão dessas prerrogativas era negar a própria identidade européia, já que as representações do *Outro* foram fundamentadas na “tradição européia greco-romana-ibérica-renascentista”. (PONTES, 2000, p. 5).

No diz respeito à associação da cartografia do Novo Mundo à mitologia greco-romana, no século XVI, isto se deveu ao fato de que os desenhistas precisavam vender seus mapas e globos para sobreviverem, sendo o apelo ao fantástico um apelo irresistível à época (DREYER-EIMBOCKE, 1992, p. 160). Exemplo disso foi um mapa de Hondius (figura 01), no qual a região amazônica está representada pelos *Euaipnomas*, guerreiros sem cabeça que habitavam a região, e pelas *Amazonas*, mulheres que desprezavam o convívio com os homens, sendo o único contato com eles, chegados de além-mar, realizado por ocasião de um festival que acontecia anualmente, quando eram convidados com o único propósito de garantirem a

reprodução, sendo, depois, transformados em eunucos e escravizados ou rapidamente liquidados (vide figura 02).

As Amazonas ficavam apenas com as meninas concebidas; os meninos eram mandados embora¹ (MANGUEL e GUADALUPI, 2003, p. 18).

Nas narrativas do dominicano Gaspar de Carvajal, que acompanhou Orellana, no século XVI, numa viagem pelo Grande Rio, conta-se que, no caminho, tinham ouvido falar muito das Amazonas, que davam nome ao rio (para os índios, *amassona*, ou “o rio que quebra canoas”), lugar onde os espanhóis enfrentaram entre dez a doze dessas mulheres guerreiras, num combate que se estendeu por várias horas. (DREYER-EIMBOCKE, 1992, p. 164)

Assim como Orellana, Pedro Teixeira encontrou com os Omaguas (índios que habitavam a foz do rio Negro), com os quais alguns soldados estabeleceram amizade. Ao perguntarem aos índios sobre as Amazonas, obtiveram como resposta que “nas bandas do norte, aonde iam uma vez por ano, havia umas mulheres, e ficavam com elas dois meses, e se dessa união tinham parido filhos, os traziam consigo, e as filhas ficavam com as mães. E que eram umas mulheres que não tinham mais de um seio, muito grandes de corpo”. (CARVAJAL, ALONSO e ACUÑA, 1941, p.111).

Antes de Hondius, Walter Raleigh² já registrara a existência dos *Euaipanomas* (ou *Ewaipanoma*), nome dado também à região de densa floresta, próxima ao rio Coara, afluente do Orinoco³, onde habitavam nativos de mesmo nome. Eles eram guerreiros que detinham o controle absoluto do seu território, e os poucos forasteiros que conseguiram vê-los descreveram-nos como tendo os olhos nos ombros, bocas no meio do peito e uma trilha de longos cabelos que cresciam entre os ombros⁴. (MANGUEL e GUADALUPI, 2003, p 156).

¹ Na mitologia greco-romana a Amazônia era algum lugar situado entre o mar Cáspio e o rio Thainy, fazendo fronteira com a Albânia e a Caldéia -, onde teriam fundado um império exclusivo de mulheres que não toleravam a presença de homens livres em seu território (MANGUEL e GUADALUPI, 2003, p. 18)

² Sir Walter Raleigh (1552- 1618), autor do mapa *Discovery of Empire of Guiana* (1595) e de uma *History of World*, de 1614, que inclui várias cartas geográficas. Acredita-se que Raleigh - pioneiro das iniciativas de colonização inglesa na Virgínia - também tenha sido seduzido pela idéia do imenso lago Dourado, cuja origem é creditada aos gregos, mas que foi, insistentemente, procurado pelos exploradores de Quinhentos e mesmo posteriores. Raleigh nasceu em Devonshire, teve treinamento militar e lutou na França do lado dos huguenotes e contra os revoltosos irlandeses. Ganhou, por isso, as graças da rainha Elizabeth I, o que lhe garantiu direitos exclusivos de exportação de panos de lã, além do título de cavaleiro (1585) e da permissão para descobrir territórios pelo Mundo que os europeus iam desvendando: “foi um prêmio realmente principesco para o amante da rainha: numa época de descobrimentos e conquistas, uma patente dessa natureza valia ouro na verdadeira acepção da palavra. Raleigh, porém, deixou fugir sua grande oportunidade ao casar-se secretamente. A rainha, depois de descobrir o fato, mandou lançá-lo na torre. Mas Raleigh conseguiu recomprar sua liberdade após 13 anos de reclusão. Viajou então para a costa leste americana, para fundar lá uma colônia. Queria descobrir a todo custo o mítico El Dorado”. (DREYER-EIMBOCKE, 1992, p. 166)

³ Numa descrição de Walter Raleigh, o Orinoco “tem braços d’água condutores aos quatro contos da Guiana. Estende-se por mais de duas mil milhas de leste a oeste e outras oitocentas de norte a sul. É bem navegável por pequenos barcos, desde que os povos ribeirinhos não hostilizem o viajante”. (RALEIGH, Walter. Op. cit., p. 198).

⁴ Na mitologia greco-romana os Euaipanomas eram relacionados aos *acéphales* (ou *épiphages* ou, ainda, *sternophthalmes*), que no período de Alexandre eram considerados como originários da Ásia, sendo descritos como homens altos de seis pés, sem cabeça, com os olhos e a boca sobre os ombros. Depois, até à Idade Média, foram relacionados aos povos que viviam na Líbia, conhecidos como *Blemmyes*, contra os quais os romanos

Figura controversa, complexa e emblemática do reinado de Elizabeth I –, muito mais do que um informe aos investidores e financistas, Raleigh acabou fornecendo valioso manual de conteúdo antropológico e geopolítico para a conquista da região e expulsão dos espanhóis da Guiana. Na obra, também constam várias ilustrações que descrevem a sua chegada à Guiana e a conquista da América do Sul. (RALEIGH, pp 40 e 41, 2002).

Para convencer os oficiais da Marinha Real Inglesa da necessidade do seu retorno, Raleigh prometeu a eles riqueza incalculável, que poderia buscar em Manoa, lugar do Eldorado, pois na primeira viagem, devido às baixas águas, não lhe foi possível chegar ao lugar: “os rios, entretanto, começaram a baixar antes do esperado, inviabilizando qualquer plano de tomar o ouro de nem sei quantas cidades. Voltei sem muito ouro nos navios, mas trouxe algo muito mais preciosos nos bolsos, o mapa do caminho do *El Dorado*”⁵. (RALEIGH, 2002, pp 12, 40 e 196).

O viajante inglês, além de reforçar o mito do *El Dorado*, propôs estratégias geopolíticas para o controle territorial do Novo Mundo. Dentre suas sugestões, instruiu que as conquistas não deveriam ser feitas pela força nem pelo trabalho escravo dos nativos, pois uma campanha militar que traga o controle do território sem confronto com os índios, segundo suas palavras, “nos permitirá extrair as riquezas da região sem maior desgaste. Os comandantes, comerciantes e traficantes que se fizerem sócios dos selvagens no uso da terra terão lucros assegurados por cinco ou sete gerações”. (*Ibidem*).

Obviamente, essa idéia não dizia respeito à tolerância ao índio, mas à estratégia de exploração, pois continuou instruindo: “não estou recomendando o relaxamento da mão firme contra os rebeldes. Durante este assalto definitivo à Guiana, inevitavelmente, será preciso saquear algumas aldeias para impor respeito. Para isso, não faltarão candidatos. As margens do Orinoco têm muitas cidades desprevenidas e indefesas contra um ataque de sobressalto”. (DREYER-EIMBECKE, 1992, p 199).

Além dessas instruções, Raleigh também alertou que a cultura européia não deveria ser imposta aos índios, como faziam os espanhóis, portugueses e holandeses. Ao invés disso, sugeriu que a Inglaterra se aliasse aos povos indígenas, oferecendo em troca a proteção militar contra o inimigo comum.

Sobre a postura religiosa dos ingleses, o comandante foi veemente ao propor respeito aos costumes indígenas, convencendo o resto da “Companhia de nossos princípios anglicanos [que] só permitiam interferir com os mortos, após obter autorização expressa da rainha e seu arcebispo”. (*Ibidem*, 196).

lutaram, entre os séculos III ao V. Já no século XVI, Jean Alfonse relacionou-os aos acéphales de Angola; porém, alguns teóricos admitem sua identificação com as tribos ameríndias do Caribe e das Guianas (STENOÛ. Katérina, 1998, pp 20 a 22)

⁵ Sobre a cidade de ouro, Raleigh escreveu que mesmo não a tendo visto, pelo excesso de informações acreditava em cidades esplendorosas no caminho de Eldorado, onde o “imperador vive construindo templos e palácios com paredes revestidas de ouro e teto cravejado de rubis, safiras e diamantes”. (RALEIGH, Walter. Op. Cit., pp. 40, 12 e 196)

Essa regra de conduta foi estabelecida depois que alguns índios guianenses, do vale de Amariocapana, informaram que acreditavam na vida após a morte e, por isso, enterravam num enorme túmulo os seus mortos, suas mulheres e tesouros; porém, advertiu Raleigh que, no primeiro contato, pelo menos, não era recomendável ofender os índios, profanando as sepulturas de seus antepassados. Esta ação somente seria possível, conforme seus escritos, após a “conquista daqueles corações para os nossos hábitos e procedimentos cristãos”; antes, seria precipitado escavar seus túmulos “à cata de ouro”. E concluiu: “Se perturbássemos o sono dos antigos, ganharíamos um pouco mais de ouro, mas perderíamos o amor e respeito dos mais novos, que passariam a nos considerar iguais aos espanhóis”. (*Ibidem*, 197).

As instruções do comandante inglês recomendavam cautela, já que os próprios nativos, diante da violência dos espanhóis que pilhavam as riquezas mais acessíveis das margens do Orinoco, vinham mudando de costumes, enterrando as jóias dos mortos longe dos corpos, ou camuflando suas tumbas com folhagens ou, ainda, “abandonando suas superstições [passando] a dividir as jóias e riquezas do falecido entre amigos e parentes”. (*Ibidem*, p. 197) Mas, a pior conseqüência do saque espanhol, segundo Raleigh, foi o fechamento do caminho de Eldorado para outros povos, inclusive para os ingleses, pelo imperador da Guiana. “Ele temia os cristãos e suspeitava das tribos das províncias vizinhas ao império, que freqüentemente traficavam com europeus” (*Ibidem*, p. 198).

Por essas palavras, o navegador inglês justificou à marinha elisabetana o pouco ouro trazido em sua primeira viagem, mas insistiu que “a Guiana [era] o mais rico império inca. Seus desbravadores europeus voltarão com navios mais pesados do que os de Hernán Cortez ao sair do México ou os de Pizarro do Peru. O dourado das montanhas reluzirá para sempre nos confortos que proverá a seus filhos e oportunidades que criará a seu povo.

Tudo isso só será possível, como já foi dito, pelo esforço abnegado dos que me acompanharem nesta primeira viagem de descoberta. A Inglaterra só conseguira ofuscar a opulência da Espanha quando tomar o caminho do Eldorado”. (*Ibidem*, p. 201).

Diante da promessa de tanto ouro, Elizabeth I, em 1616, autorizou o retorno de Walter Raleigh à Guiana, mas esta segunda viagem acabou mal sucedida, tendo o comandante inglês perdido seu filho mais velho e seus homens de confiança, além de ter a saúde comprometida durante a viagem, o que o impediu de pôr os pés na Guiana e, conseqüentemente, encontrar as terras cobertas de ouro... De volta à Inglaterra, por conta do insucesso da viagem, Raleigh foi morto no cadafalso.

As informações de Walter Raleigh serviram para outra jornada inglesa à Amazônia, desta vez em 1620, comandada por Roger North, um capitão que sobreviveu à fatídica viagem, o qual, com a ajuda dos índios *Ingahibas*, entrou 500 quilômetros rio acima, explorou os afluentes do Amazonas, construiu assentamentos e plantou tabaco. (SMITH, 1990, p. 177).

Entretanto, é importante ressaltar que para alguns teóricos, como Ghaham Burnett, a fronteira britânica na América do Sul não se fez pela produção agrícola, mas sim pela ambição de encontrar minas de ouro, princípio que norteou as viagens de Walter Raleigh pela Amazônia e, assim, o suposto sítio do *El dorado* serviu como pontos-chave de orientação para as tentativas de exploração subseqüentes e o resultado disso foram as disputas pelas fronteiras do norte do Brasil, ou seja, o mito transformou o solo, que parecia instável, em território colonial. (BURNETT, 2000, p. 13).

As representações sobre a Amazônia revelam a curiosidade dos europeus que, embalados pelo ciclo exótico do Oriente, da África e da América (do XVI ao XVIII), produziram livros de viagem, relações de missionários e depoimentos de autoridades que, em missões oficiais ou não, através de uma literatura *impressionista*, informaram sobre a fisionomia humana e o ambiente da floresta, com suas riquezas botânicas e zoológicas, atraindo para o *El Dorado* naturalistas, homens das ciências, religiosos e aventureiros de toda a espécie, que vieram em busca não somente do conhecimento sobre o diferente, mas da riqueza prometida pelos relatos dos viajantes.

Essas representações revelam, ainda, a visão que os viajantes tiveram da *Hiléia*, que era ao mesmo tempo fascinante, pela pujança de água e, também, sombria, dada a diferente compleição da fauna e flora que encontraram. Estas questões nos levam a pensar sobre as diferentes construções representativas da Amazônia e do povo amazônica, produzidas por homens que explicavam os comportamentos básicos e unificadores dos homens e mulheres da Amazônia a partir dos seus valores e pré-julgamentos.

As viagens de Walter Railegh, por sua vez, suscitaram uma nova iconografia, baseada no modelo medieval dos *acéphales*, para explicar os *euaiþanomas* da Amazônia, entendidos como os filhos *Topiawari* e, conforme ele próprio descreveu, “era o povo mais poderoso e o mais temível de todo o país, seus arcos e suas flechas são três vezes maiores do que os dos *Oronocopis*”. (STENOU, 1998, pp 20 a 22)

Porém, ao longo do século XVIII, o apelo ao mítico foi aos poucos dando lugar às observações e estudos mais empíricos sobre os lugares que os navegantes viam durante as viagens pela floresta Amazônica, seguindo o curso dos rios - “planícies de baixo gradiente” (MARTIN, 1996, p. 94). Entretanto, não estamos afirmando que, naquele período, as explicações imagéticas tenham sido deixadas totalmente de lado, mas que houve uma relativização desses relatos, ora inferiorizando, ora enaltecendo a fauna, a flora e o homem da região. Esses dois movimentos, segundo Neide Gondim, “inventaram uma Amazônia” que variava do “primitivismo pré-edênico ao infernismo primordial”. (GONDIM, 1994, 77)

Exemplo disso foram os escritos do padre João Daniel (2004, pp 11 e 12), que viveu na região amazônica durante os anos de 1741 a 1757 e produziu, a partir dos relatos dos viajantes do XVII, uma obra vastíssima dividida em 6 partes e com três temas centrais: a Terra, o Homem e a Cultura da Amazônia. Suas

anotações, ornadas por mitos e símbolos, segundo Vicente Sales, lembram o trabalho de rapsodo adaptado “ao seu modo sem perder a autenticidade”⁶.

Padre João Daniel, como missionário, viajou durante seis anos pelas aldeias e fazendas do vale amazônico e viveu por dezesseis anos no Estado do Maranhão e Grão-Pará, na época de maior opulência da Companhia de Jesus. Foi nessa ocasião que, provavelmente, começou a escrever a sua obra, realizando parte de sua pesquisa na biblioteca do Colégio do Pará, em Belém, o que se deduz do fato de iniciá-la com informações da viagem de Pinzón à Amazônia, inscritas nos capítulos “Descrição geográfico-histórica do rio Amazonas” e “Descobrimto e navegação do Amazonas”, nos quais o religioso ainda procurava as mulheres guerreiras que combateram os homens de Pizarro, “com ânimo varonil”. A partir da literatura pesquisada, João Daniel concluiu que elas habitavam a região entre os rios Negro e Trombetas, ou Pauxiz; e pela semelhança com “as antigas amazonas de que fala Virgílio” receberam o nome de Amazonas, e mesmo sem a certeza da existência delas, o padre afirmou que “deixaram porém abalizado o seu nome ao rio” (DANIEL, 2004, p. 49).

Baseado ainda nos relatos feitos pelos índios aos espanhóis, o religioso também procurou estabelecer a localização do lago e da cidade *dourados* que, segundo ele, estariam entre os rios Negro e Trombetas, ou próximo ao rio Japurá, pois nestes lugares “se acharam alguns índios com suas lascas nas orelhas”, mas em tom de dúvida advertiu que eram tão “brutos índios e ouro, que bem mostravam o seu pouco uso, e muito menos para fabricar paredes, tetos, casas, cidade e suas serventias, como contava a fama em Quito, e como ainda hoje a supõem os autores” (DANIEL, 2004, p. 47).

Mas, como eram tantas as narrativas sobre a existência do lugar *dourado*, o padre João Daniel chegou a afirmar, atordoado, que talvez

Deus não [permitiu] o descobrimto do tal lago, para evitar os inconvenientes que ordinariamente se originam das riquezas do ouro, e das minas; pois por causa das bulhas, que de algumas se tem originado, de repente tem Deus sumido o ouro”, por isso, assim como aconteceu com o paraíso terreal e a ilha Atlântica, que “Deus encobriu tantos mil anos aos homens e ao mundo (...) que muito encubra uma cidade em um lago (*dourado*) (DANIEL, 2004, p. 48)

Em síntese, o padre João Daniel afirmou que esse alargamento das fronteiras deu-se pela “cobiça do ouro, e o amor às riquezas [que] foram no mundo o maior incitamento dos homens, para as maiores empresas e mais árduas navegações” (2004, p. 45). Exemplo disso foi a *descoberta* do rio Amazonas pelos

⁶ Quando o Padre João Daniel foi preso por dezoito anos em Lisboa, por conta da perseguição aos jesuítas, escreveu um volumoso material, intitulado Tesouro Descoberto no máximo rio Amazonas. Os manuscritos foram confiscados após a sua morte e preservados em códices espalhados entre a Biblioteca Real (vindo parar no Brasil na bagagem de D. João VI) e a Biblioteca do Arcebispo de Évora. (DANIEL, 2004)

espanhóis que, mesmo sendo senhores das minas de ouro e prata de Quito, não aplacaram sua ambição, navegando por toda a extensão do Grande Rio atrás de mais tesouros.

Assim, a fama das riquezas da região amazônica fez crescer a cobiça pela cidade e o lago *dourados*. Jamais encontrados, permaneceram na imaginação dos europeus como lugares “cujo ouro era mais que as areias das suas praias, ou que as suas margens e fundo eram tudo ouro” (*Ibidem*).

Em 1713, antes da chegada do Padre João Daniel à Amazônia, tiveram início as discussões diplomáticas sobre a fronteira da região, conforme os arranjos do Tratado de Utrecht, dando início às disputas diplomáticas das terras localizadas no Cabo Norte do Brasil que, ao poucos, foram revelando os contornos do *País das Amazonas*. Território que, até àquela altura, mesmo definidas pelo Tratado de Tordesilhas como terras espanholas, com o nome de *Nueva Andaluzia*, eram consideradas pelos outros europeus como *terra de ninguém*, explicando, desse modo, as constantes investidas de ingleses, franceses, holandeses e portugueses na região.

Assim, com esse movimento constante de sertanistas e navegadores, Além do alargamento das fronteiras portuguesas no Brasil, houve uma mudança na paisagem amazônica – lugar que nos interessa diretamente –, haja vista o fato de que, ali, os europeus e seus descendentes diretos construíram vilas, fortificaram o litoral e fundaram aldeamentos. Todas estas ações foram registradas em cartas e mapas que propagaram pela Europa imagens sobre o homem, a floresta e os rios da Amazônia, revelando pessoas, hábitos e lugares em tudo diferentes daquilo que os europeus estavam acostumados a enxergar.

Essas informações acabaram servindo aos propósitos tratadísticos do século XVIII, já que durante as negociações dos Tratados de Utrecht e Madri, sobretudo deste último, as informações registradas, desde a entrada de Pinzon no rio Amazonas até à exploração científica de La Condamine, pelos seus afluentes, auxiliaram nas determinações geográficas que deviam separar as terras *espanholas* das *portuguesas*.

II - CONCLUSÃO: A NAVEGAÇÃO PELOS RIOS DA AMAZÔNIA: ENCONTROS E DESENCONTROS

Diante das narrativas e cartas construídas ao longo dos séculos XVI e XVII, período que importa diretamente a este artigo, não é difícil imaginar os sentimentos que conduziram esses homens a irromper pela floresta e desbravar o rio, para estabelecer povoados, aldeias e vilas, que ao poucos foram desenhando as fronteiras portuguesa e espanhola na Amazônia. Estes aventureiros tiveram, em primeiro lugar, a necessidade de se proteger, construindo fortalezas e, concomitantemente, buscando estabelecer amizade com os nativos, sem os quais não conseguiriam sobreviver, pois como lembra Leandro Tocantins, somente os índios conheciam a navegação dos rios, “entrada obrigatória, para a conquista do deserto verde”

(TOCANTINS apud SARAGOÇA, 2000, p. 37), o que nos remete às idéias de Sérgio Buarque de Holanda (1975), para quem as fronteiras do Brasil e, portanto, da Amazônia, realizaram-se por um processo contínuo de adaptação às condições específicas do ambiente americano.

Assim, a fronteira torna-se flexível, retrocedendo, inclusive, “a padrões rudes e primitivos: espécie de tributo exigido para um melhor conhecimento e para a posse final da terra. Só muito aos poucos, embora com extraordinária consistência, consegue o europeu, [ou seus descendentes] implantar, num país estranho, algumas formas de vida, que já lhe eram familiares no Velho Mundo” (HOLANDA, 1975, 20).

O quadro sucinto onde foram anotados os principais episódios da disputa pelos territórios amazônicos, travada principalmente em seus portos e rios, mostra que as expedições mandadas para o “rio Dulce” pelas várias nações interessadas em conquistar a região não impediram que o domínio luso-brasileiro se firmasse sobre ela. Na verdade, além do sacrifício dos antigos habitantes, de tudo isso, sobraram registros de aventuras interesseiras, marcadas por incidentes sangrentos e traições entre exploradores que encontraram seu fim amargo nas águas doces do rio das Amazonas. Mas, as adversidades não impediram que navegadores, missionários, colonos e soldados, embalados pelos mais variados interesses, além do sabor da aventura, se arrissem em conhecer e dominar a paisagem que aparecia aos seus olhos, ao mesmo tempo, como exótica e selvagem. Seus relatos, escritos na saborosa linguagem da época, além de servirem à curiosidade, constituíram importantes fontes de informação estatal, sobretudo, para os acordos diplomáticos de 1750.

III - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURNETT, D. Graham. *Masters of all they surveyed: exploration, geography; and a British El Dourado*. Chicago: The University of Chicago Press, 2000.
- CARVAJAL, Gaspar, ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristobal de. CARVAJAL, Gaspar, ROJAS, Alonso e ACUÑA, Cristobal de. *Descobrimientos do rio das Amazonas*. Traduzidos e anotados por C. de Melo Leitão. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- CORTESÃO, Jaime. *A missão dos padres matemáticos no Brasil*, Lisboa: Studia/Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, no 1, janeiro de 1958.
- DANIEL, Padre João. *Tesouro descoberto no Máximo Rio Amazonas*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004, vol. 1 e 2.
- Diário de Walter Raleigh – O caminho de Eldorado. A descoberta da Guiana por Walter Raleigh em 1595*. Adaptação e notas de E. San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002
- PONTE, Romero Ximenes. *Amazônia: a hipérbole e o pretexto*. Belém/Universidade Federal do Pará: dissertação de mestrado, 2000.

- DREYER-EIMBOCKE, Oswald. O descobrimento da terra. Tradução Alfred Josef Keller. São Paulo: Melhoramentos/Editora da Universidade de São Paulo, 1992.
- GONDIM, Neide. A invenção da Amazônia. São Paulo: Marco Zero, 1994
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Caminhos e fronteiras. 2a edição. Rio de Janeiro: Editora Livraria José Olympio, 1975
- MANGUEL, Alberto e GUADALUPI, Gianni. Dicionário de lugares imaginários. Trad. Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- MARTIN, Grabiela. O forte de óbidos: uma visão arqueológica. Recife: Universidade Federal de Pernambuco. Tese de doutorado do Programa de Pós-Graduação em História 1996.
- SARAGOÇA, Lucinda. Da “Feliz Lusitânia” aos confins da Amazônia (1615-62). Lisboa – Santarém: Edição Cosmos, 2000.
- SMITH, Anthony. Os conquistadores do Amazonas: quatro séculos de exploração e aventura no maior rio do mundo. Trad. Maria Therezinha M. Cavallari. São Paulo: Editora Best Seller, 1990.
- STENOÛ. Katérina. *Imagens de l'autre. La différence: Du mythe au préjuge.* Seuil: Éditions Unesco, 1998.

Figura 01

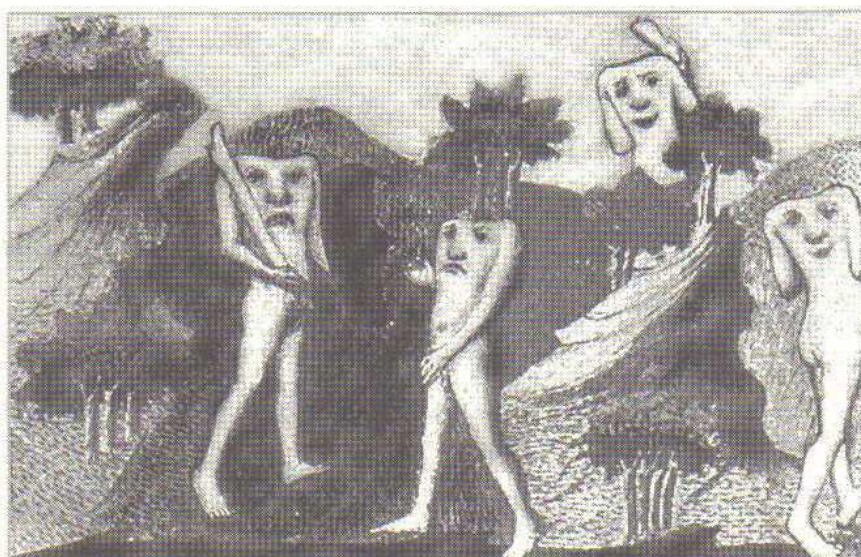


HONDIUS, Jodocus. Nieuwe caerte van het Wonderbaer ende Gondrjcke Landt Guiana [1598] (Mapa gravado a cores, ornamentado, tamanho original 36,5 x 52cm. Localização: Biblioteca Nacional (Brasil) - Cartografia ARC.030,02,032.

Figura 02



Amazonas, as mulheres guerreiras



Euaipanomas, os guerreiros sem cabeça da Amazônia

Fonte: Diário de Walter Raleigh – *O caminho de Eldorado. A descoberta da Guiana por Walter Raleigh em 1595.* Adaptação e notas de E. San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002, pp. 193 e 194.